

JAZZ

27 JUNHO 2017

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Luís Lopes

Guillotine

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Ter 27 de junho
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M6

Guitarra Luís Lopes **Violoncelo** Valentin Ceccaldi
Bateria Andreas Wildhagen

De Lisboa para o mundo

Guillotine. Mais um grupo liderado por Luís Lopes com a participação de músicos de outras paragens geográficas, à semelhança do Humanization 4tet, no qual encontramos os irmãos texanos Aaron e Stefan González, e do Lisbon-Berlin Trio, completado pelos alemães Robert Landfermann e Christian Lillinger. Uma formação que surge igualmente na sequência de duos do guitarrista de Lisboa com Fred Lonberg-Holm, Julien Desprez e Jean-Luc Guionnet ou de passadas colaborações com figuras como Joe Giardullo e Benjamin Duboc. A associação, agora, com Valentin Ceccaldi e

Andreas Wildhagen pode ser encarada como mais uma tentativa de ligar a música criativa portuguesa às de outras cenas ou de colocar no plano internacional este já reconhecido talento “da casa”, mas para Lopes tem um objetivo e um significado que são simultaneamente mais pessoais e mais amplos, vindo antes de quaisquer considerações estratégicas e promocionais ou surgindo “em processo” como uma abstrata necessidade de extrapolação. A máxima «think global, act local» que vem limitando fisicamente a nossa imaginação criativa dá assim lugar a um muito mais ambicioso «think global, act global».

Afirma ele: «É uma questão primordial, consistindo na satisfação dos meus caprichos, que vão em diversas direções. Em primeiro lugar está a oportunidade de tocar com músicos de excelência que, pelas suas características especiais, me inspiram. Depois, vem a vontade de “viajar” inerente a este tipo de música, de tentar um contacto, quem sabe íntimo, de descobrir, partilhar, transcender ideias, regiões, mentalidades, preconceitos, tiques. Enfim, de comunicar, de conhecer os outros para assim descobrir mais de mim. Sou um universalista. A criatividade não pertence a ninguém em especial, existe em si e por si mesma.»

Portugal sofre as consequências de pertencer à periferia da Europa e do chamado Ocidente, e se tal circunstância determina a sua economia, apesar de pertencer à União Europeia (ou devido a tal circunstância, na hierarquia de importância das políticas comunitárias em que somos colocados), dita igual-

mente a sua vida cultural e artística: «São enormes, as dificuldades que temos em expandir-nos, e por vários motivos, alguns deles nascidos dentro do País e não impostos de fora. Ainda por cima há a barreira de uma Espanha criativamente meio adormecida. O certo é que, para sermos criativos, não precisamos de emigrar. A diferença está no facto de nas outras nações existirem suportes materiais bem mais generosos e uma maior dinâmica instalada. Para compensar, precisamos de singularidade, de vozes únicas que consigam romper com as agendas reacionárias e sem qualquer espírito de aventura que vão gerindo a atividade da música portuguesa.»

Mas porquê estes músicos, Ceccaldi e Wildhagen, em concreto, ambos valores em ascensão nos seus respetivos países, a França e a Noruega? «Porque me despertaram a atenção, ou melhor, porque de alguma maneira me perturbaram. É como aquela questão meio esotérica das almas gémeas que se atraem e identificam. Atacou-me uma espécie de força gravitacional. Vi e ouvi o Valentin a tocar variadas vezes, sempre com admiração. Depois conhecemo-nos e surgiu por duas ocasiões a oportunidade de tocarmos juntos. É a gravidade que faz com que as coisas aconteçam quando têm de acontecer. Uma delas foi em trio com o guitarrista Olivier Benoît, em Paris, no Tricollectif Festival. Valentin Ceccaldi é uma força da natureza, um colosso. A voz que o atravessa é de uma tremenda poesia. Surgiu dele a ideia de fazermos um trio. Procurávamos um baterista com caracte-

terísticas não convencionais e personalidade forte, que nos garantisse uma tensão permanente e fugisse ao facilismo. Conheci então o Andreas, que já tinha visto com a Large Unit de Paal Nilssen-Love, quando veio a Portugal com o grupo Momentum. Falámos um pouco e gostei muito dele, para além de me entusiasmar a sua maneira sempre tensa de tocar, muito rítmica e meio primária. Propus ao Valentin e ficou!»

A apresentação dos Guillotine reivindica uma complementaridade entre o individual e o coletivo, com o espaço concedido a cada um para se expressar não se contrapondo à entrega de grupo, antes equilibrando os termos e libertando os músicos da própria música. Nessa mesma declaração de intenções refere-se igualmente que as composições de Luís Lopes são apenas motes para a improvisação e não propriamente molduras. São impulsos, sugestões, deixas, que não delimitações fronteiriças. Nada de novo, portanto: estas são regras elementares para o tipo de música em causa. Ou não será tanto assim, e o que está na teoria tem mesmo tradução prática?

«Os Guillotine são um campo energético com um infinito de elementos que se colocam por si próprios à disposição para serem usados. Como sempre se verifica, de resto. No entanto, existem opções. É nessas opções que residem as diferenças, e o interesse. As opções para cada projeto que me proponho realizar são totalmente objetivas, claro que com uma margem “irredutível”. Refletem-se situações, observações, vivências, sensações, etc. É assim que eu sou, viajo na

zona da separação entre o controlo e o descontrolo. Tenho um fetiche: gosto de me pôr a jeito do perigo, perigo de vida até. O Humanization 4tet é uma banda mundana, vivida e sentida na carne, na terra, na aventura libertina do coração, “on the road”, “on fire”, “on your face”, “no bullshit”, com partituras simples vividas intensamente e com oportunidades para todos improvisarem, falarem, desabafarem, despirem a camisola. O Lisbon-Berlin Trio é um grupo frio, algo influenciado pelos pesados e escuros Kreator, com temas mais virados para a desconstrução da sequência temporal, tocados de trás para diante e em todos os sentidos, segundo a implacável marcha da violência humana. Tenho muito cuidado e critério na escolha dos participantes, tendo em conta a sua interação com a direção pretendida.»

Ambos esses grupos, e os Guillotine com eles, trazem o inferno dos outros (para parafrasear Sartre) ao inferno de Luís Lopes: «Os meus solos *Noise* e *Love Song* representam as minhas incursões, ou tentativa de, para tentar entender qualquer coisa relativamente ao mistério do meu mais profundo “eu”, e à forma como se relaciona com o “todo”. Designadamente, para entender o amor, o desespero, o medo, a desilusão, a beleza, a pequenez, a impotência, a grandiosidade, a loucura, a amargura, a poesia por vezes. Estou sempre a estudar, na terceira pessoa, as minhas reações e os meus tiques, tentando entender porquê. Sempre com uma atitude auto subversiva, para me emendar e educar, na busca da liberdade. Esta auto subversão salva-me da

mediocridade. Não tem que ver com a música, e tem! Já projetos como Garden, Big Bold Back Bone ou Lisbon Freedom Unit são coletivos nos quais cumpro um papel de interveniente igualitário, que é outra linha em que mergulho com toda a convicção, se bem que nos LFU funciono como uma espécie de canal para a resolução e a concretização. É uma banda complicada, com cabeças muito complexas e totalmente diferentes umas das outras. Foi incrível descobrir isso. Todos são duríssimos e ninguém vacila. Mas reside aí o desafio, pois essa tensão omnipresente é um fator que me apaixona. É uma grande banda, que depende da entrega emocional dos seus elementos.»

Seja qual for o contexto, «tem de haver vibração para que se proporcione aquilo que nos leva para fora da mesmidade do funcionalismo trabalho/responsabilidade». «Cumprir apenas é pouco. O campo energético tem de ferver, sempre no limite da explosão. É isso que eu procuro nos meus grupos, o clímax, a elevação. Os Guillotine inspiram-se na Revolução Francesa e em especial na Comuna de Paris, com organização de diferentes texturas por ordem específica, tipo: luta clandestina – preparação – revolução – festa – complicações – excessos – desmoralização – capitulação – reação – retrocesso, etc. Sempre em relação direta com as características dos intervenientes, que ditam a diferença.»

Músico de projetos, Luís Lopes avança para um novo sem que tal signifique o abandono (a recusa) dos demais. É mais um caminho que se oferece à

exploração segundo as premissas de base que o sustentam, não necessariamente uma mudança de disposição. Quando o campo de possibilidades que se oferece é assim tão largo nenhuma redundância surge como risco. Os próprios Guillotine são a condição para que continuem o Humanization 4tet, o Lisbon-Berlin Trio, os Garden, os Big Bold Back Bone, a Lisbon Freedom Unit: «Os dois primeiros vão gravar novos discos em breve. O Lisbon-Berlin Trio está com convites para tocar ao vivo e há muito interesse pelo Humanization 4tet por essa Europa fora. Estes grupos estão sempre em aberto, é assim que penso neles, como algo permanentemente inacabado. Não me interessa o fim. O percurso é que importa. Se bem que me passe pela cabeça saber que aspeto terá o pós-colapso, a ruína, do edifício que estou a construir.»

Pouco importa também a Luís Lopes se a música de um grupo específico é mais jazz ou mais rock (este último, para todos os efeitos, o género de que provém) ou nenhuma delas. A porta que está a abrir com os Guillotine quer ele que lhe dê entrada «para o inesperado», ainda que este se declare como o produto de «memórias passadas, presentes e futuras, pois todas estão já escritas». Tal condição, no seu entender, não é um convite ao conformismo, mas precisamente o contrário...

Como diz: «A experimentação, a pesquisa, enfim, a transcendência, salvam-nos do vazio, do nada. Os sonhos, quando nascem, são logo nesse exato momento suscetíveis de reali-

zação. E assim as coisas acontecem. Haverá sempre mudanças. A evolução é inevitável, pois está inerente à própria existência. Sou um não-seguidista, sempre pronto para a desobediência e a rebelião. Não são apenas os estúpidos que tentam acabar com tudo o que não é igual a eles próprios – também a noção de “classe”, que por razões óbvias é de natureza conservadora, pretende manter a todo o custo o seu estatuto. Os senhores da “normalidade” aconselham que nos deixemos estar quietinhos enquanto nos protegem e nos dão tudo o que precisamos para sermos felizes. Eles sabem que a grande massa prefere abdicar um pouco da sua liberdade para ter mais segurança, mas é preciso reagir contra isso e fazê-lo com coragem, hombridade e altivez. Mesmo não conseguindo tudo o que se pretende é o percurso, sempre o percurso, da superação dos problemas o que mais importa, em alternativa ao tédio vigente, que é o pior dos tormentos. A música, tal como as demais artes, reflete a sociedade. Neste momento as lutas parecem ser residuais, mas prosseguem as que se combateram na Comuna de Paris ou no Maio de 68. Ou talvez estejamos a viver pequenas revoluções, muitas, diversas e de alguma maneira convergentes. Vivemos tempos complexos.»

Pois atentemos em como soa a Revolução Francesa de 2017, em Lisboa, ou melhor, de Lisboa para a Europa e para o mundo...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música, editor da revista *online jazz.pt*

Luís Lopes guitarra

Com um passado no rock, Luís Lopes virou-se depois para o jazz, finalizando os seus estudos na Escola de Jazz do Barreiro. Com o saxofonista norte-americano Joe Giardullo mergulhou no Lydian Chromatic Concept of Tonal Organization de George Russell e começou a interessar-se pelas músicas improvisada e experimental. Elementos de todas essas origens confluíram num estilo pessoal que quis livre de constrangimentos formais. Este tomou várias formas, como o Humanization 4tet, partilhado com Rodrigo Amado e os irmãos Aaron e Stefan González, o Lisbon-Berlin Trio, com Robert Landfermann e Christian Lillinger, duos com músicos como Noel Akchoté e Jean-Luc Guionnet e projetos solitários como *Noise Solo* e *Love Song*, colocados nos extremos da produção sonora com uma guitarra elétrica.

Valentin Ceccaldi violoncelo

Violoncelista da nova geração da música criativa francesa, Valentin Ceccaldi tem um percurso plural que vai da música clássica (Orquestra Symphonique d'Orléans e Orquestra de l'Opéra de Massy) à *chanson* (com Emel Mathlouthi, Stéphan Rison e Céline Mastrorelli). Antigo aluno de luminárias como Joelle Léandre e Vincent Courtois, fixou-se sobretudo nos circuitos do jazz e da livre-improvisação. É membro do Théo Ceccaldi Trio,

tem-se dedicado à releitura do espólio do grupo de rock progressivo King Crimson com Méderic Collignon, colabora regularmente com Roberto Negro e participa em grupos luso-franceses como Chamber 4 e Deux Maisons.

Andreas Wildhagen bateria

Nascido em Oslo e com formação realizada na Academia de Música Norueguesa, Andreas Wildhagen tem vindo a tornar-se num dos mais requisitados bateristas da cena escandinava do jazz. Está presentemente envolvido numa série de grupos desta área, como Momentum, Mopti, Jonas Cambien Trio, Nakama, Lana Trio e Paal Nilssen-Love Large Unit. Conhecido pela sua flexibilidade e pela forma como se adapta a qualquer contexto, é tanto um construtor de texturas abstratas como de pulsações *groovy*. Tem como marca singular a associação de várias métricas em simultâneo, com uma perspetiva gestual do trabalho percussivo.

Próximo espetáculo

Com Tempo

Oficinas/Instalações/Música/Ar Livre

Sáb 1 julho Grande Auditório, 15h
Jardim Norte, 16h · Para todos os públicos



© Mana

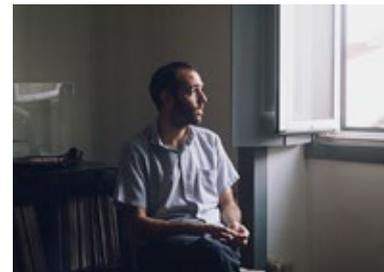
Nesta tarde, recuperaremos algumas das propostas e espetáculos desenvolvidos em trimestres anteriores, anteciparemos espetáculos e oficinas, acarinhando-os em cabanas e espaços habitáveis desenhados por todos e misturando-lhes a nossa habitual dose de boa disposição e proximidade.

Próximo espetáculo de música

Norberto Lobo

Música Sáb 16 de setembro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Clarita Phiri

Um criador sobredotado, consensualmente considerado como uma das principais personalidades da música portuguesa atual. Ao sexto concerto na Culturgest, Norberto Lobo tem o Grande Auditório por sua conta.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do
Cego nº50, 1000-300 Lisboa
21 790 51 55 · www.culturgest.pt